

-----ACTA N.º  
03-----ASSEMBLEIA MUNICIPAL  
DE 25 ABRIL DE 2010-----Aos 25 dias do mês de Abril de 2010, pelas  
11:00 horas, reuniu a Assembleia Municipal de Torres Vedras, em Sessão Solene, para comemorar o  
36.º Aniversário do 25 de Abril de 1974, no Salão Paroquial da Freguesia de Ponte do Rol.  
-----Presidiu, o Sr. Alberto Manuel Avelino,  
tendo sido secretariado pelo Primeiro Secretário António Fernando Alves Fortunato e pelo Segundo  
Secretário Mara Isabel Baptista Eleutério.-----Anota-se que para além da presença de alguns  
membros da Assembleia Municipal, do Presidente da Câmara e dos Vereadores do Órgão Executivo,  
estiveram também presentes as seguintes Associações do  
Concelho:-----Associação Cultural  
Beneficente S. Sebastião de Matacães, Associação Desportiva e Melhoramentos de Zibreira e  
Almagra, Agrupamento de Escoteiros 1279 da Ponte do Rol, Associação Cultural Desportiva e  
Recreativa do Casal Cochim, Associação para o Desenvolvimento Desportivo, Recreativo e de  
Apoio Social da Ponte do Rol, Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo do Ameal, Sociedade  
Filarmónica Ermegeirense, Associação de Socorros da Freguesia do Ramalhal, Associação de  
Socorros da Freguesia de Carvoeira, Associação Encarregados de Educação da Ponte do Rol,  
Associação de Solidariedade Social da Ponte do Rol, Centro Cultural Desportivo Clube de Futebol  
“Os Paulenses”, Grupo Desportivo Ponterrolense, Moto Clube de Torres Vedras, Atlético Clube  
Barroense, Associação de Socorros do Outeiro da Cabeça, Associação Desportiva e Cultural Santo  
António do Varatojo, Sociedade Filarmónica Incrível Aldeigrandense, Grupo Desportivo,  
Recreativo e Cultural Casalinhense, União Outeirense Cultura, Recreio e Desporto, Associação  
Agrária Cultura e Recreio do Bonabal, Associação Recreativa e Desportiva da Caixaria, Associação  
Desportiva da Bordinheira, Chãos Sport Clube, Associação Defesa e Divulgação do Património  
Histórico de Torres Vedras, Grupo Desportivo de Runa, ADM da Povoia de Penafirme, Cooperativa  
de Comunicação e Cultura, União Desportiva Recreativa e Cultural do Sarge, Rancho Folclórico e  
Etnográfico “Danças e Cantares da Mugideira”, Clube Desportivo de A-dos-Cunhados, Centro  
Social Cultural Recreativo e Desportivo de Vila Facaia, Associação de Socorros da Silveira,  
Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras, Associação Desportiva, Cultural e  
Recreativa da Orjariça, Associação Cultural, Recreativa de Benfica, Grupo Desportivo da Boavista-  
Olheiros, Centro Social Recreativo e Cultural da Maceira, Grupo Desportivo de Matacães,  
Associação de Socorros de A-dos-Cunhados, Grupo Desportivo do Ramalhal, Associação de  
Moradores da Fonte Grada, APECI, Associação de Reformados do Concelho de Torres Vedras,  
Associação Recreativa e Cultural da Soltaria, Associação Cultural Recreativa e Desportiva da  
Abrunheira, Grupo Desportivo da Gondruzeira, Associação de Socorros da Freiria, Banda da

Juventude Musical Ponterrolense, Associação Social Desportiva do Sobreiro Curvo, Associação para o Desenvolvimento das Paradas, Rancho Folclórico Flores do Oeste de A-dos-Cunhados, Associação Cultural e Desportiva de Aldeia Nossa Senhora da Glória, Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras.-----

-----O Presidente da Assembleia Municipal, Sr. Alberto Avelino começou por cumprimentar todos os presente e deu início à sessão solene, dando a palavra ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia da -Ponte do Rol, **Sr. Pedro Jorge Vasa dos Santos**, que proferiu o seguinte discurso:-----“ Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----Senhor Presidente da Câmara Municipal.-----Exmos

Vereadores.-----Exmos membros da Assembleia Municipal.-----Exmos colegas Presidentes de Junta e Assembleia de Freguesia.-----Digníssimas autoridades presentes.-----

Comunicação social.-----Representantes das associações e colectividades presentes.-----

Convidados, amigas e amigos.-----É com toda a honra e alegria, que vos recebemos para a sessão solene da comemoração dos 36 anos do 25 de Abril.-----

Aceitámos de imediato o convite da Câmara Municipal na certeza que tudo faremos para comemorar tal data, e vos fazer sentir como se em casa estivessem.-----Esta é uma data demasiado marcante na sociedade portuguesa para que não a comemoemos sempre, de forma digna e até com laivos de requinte.-----A nós,

poder local autárquico, maior ainda a importância, atendendo a que foi uma das conquistas de Abril e na minha opinião, das que mais se aproximaram do espírito de quem comandou e lutou pela liberdade de um país chamado Portugal.-----Sabendo que

outros oradores muito mais conhecedores, tomarão a palavra de seguida, irei cingir o meu contributo desta sessão solene de evocação ao 25 de Abril de 1974, apenas em dois focos, mas nunca esquecendo que foram os homens e mulheres da época, que nos devolveram a liberdade e que para alguns de nós, gerações pós 25 de Abril, é coisa banal. Por vezes dificulta quantificar quanto valor a liberdade tem, seja qual a situação que queiramos considerar.-----Em

primeiro lugar, os 36 anos que aqui comemoramos, deveria ser algo adulto, conhecedor, experiente, activo, responsável, enfim democrático na sua plenitude, nas forças das suas faculdades.-----Será que o são ?-----Na

minha opinião e fazendo uma contabilidade comparada com a experiência média de vida humana,

deveríamos estar agora a comemorar o 25 de Abril de 1992, ou seja 18 anos após a denominada Revolução dos Cravos.-----Temos andado devagar, com muitos “lobies” e atropelos a princípios de igualdade, oportunidades nos vários vectores, compõe uma sociedade que é justa e equilibrada e que a constituição da república portuguesa lhe consagra.-----Fazemos, como quisemos, parte da Comunidade Europeia, mas, de vez em quando lá vêm os puxões de orelhas, umas multas, umas intimações a cumprirmos com as nossas obrigações perante a comunidade e até perante nós próprios. E porquê?-----Porque continuamos a vacilar perante os “lobies”, perante o materialismo de grupos económicos, enfim, porque temos apenas 18 anos, imaturos, influenciáveis e quiçá malandrecos.-----Mas estamos melhores do que em 1974?-----Sem dúvida alguma!-----Poderíamos estar melhor?-----Não tenho dúvidas!-----Em segundo lugar, a coisa melhor que o 25 de Abril nos facultou e teve um desenvolvimento nunca visto, o associativismo e a prova está aqui bem presente.-----Digo-o com propriedade, porque esta freguesia tem a “sorte” de possuir diversas associações, desde o social, cultural e desportivo e outras em laboração no pleno da sua faculdade.-----Esta sim, têm 36 anos ou mais.-----Mas de uma forma geral, Portugal cresceu muito com o desenvolvimento do associativismo e é este mesmo associativismo que está presente em todos os cantinhos, que colabora, ajuda, promove, engrandece, dignifica, cria laços solidariedades transversais à sociedade e nos faz melhores homens e mulheres.-----

---É bom que nunca esqueçamos o papel determinante que o associativismo tem na nossa sociedade, é bom que lhes demos condições, é bom que o dignifiquemos, é bom que todos nós tenhamos, experiência associativa, uma ou muitas mais.-----Vai aqui o meu ponto de honra e o agradecimento para todos os que pertencem ou pertenceram às associações da freguesia da Ponte do Rol, do concelho de Torres Vedras, do país Portugal.-----Viva Torres Vedras!-----Viva a democracia!-----Viva a liberdade!-----Viva Portugal!-----

----Usou da palavra o representante do CDS-PP, *Sr. João Pedro Gomes* que fez o seguinte

discurso:-----  
----“Senhor Presidente da Assembleia  
Municipal,-----Senhor Presidente da Câmara  
Municipal,-----Senhores  
Vereadores,-----Caros  
colegas,-----

Minhas senhoras e meus senhores.-----

Cumpre-se hoje mais um aniversário do chamado “dia da liberdade”. Há precisamente 36 anos, o nosso país vivia as primeiras horas de um sopro de liberdade, esperança e confiança no futuro. Graças ao 25 de Abril, que cortou com um regime já há muito desadequado e moribundo, e ao 25 de Novembro que purificou os verdadeiros ideais de Abril entretanto deturpados, podemos dizer que, apesar de tudo, vivemos hoje numa democracia consolidada.-----Abril e Novembro fizeram de novo sonhar a sociedade portuguesa. Fizeram um povo sequioso de esperança voltar a acreditar que era possível um futuro melhor. Foi uma cisão imperativa, sem a qual seria muito difícil, mesmo impossível, encontrarmos o rumo da modernidade, da liberdade e da esperança.-----

----Os ideólogos do movimento que levou ao golpe militar que efectivou o 25 de Abril sonharam com um país moderno, competitivo e livre. Sonharam com o fim de uma guerra colonial que asfixiava o nosso país e trucidava gerações e gerações de Portugueses. Não sonharam, contudo, que poucos meses depois quase um milhão de portugueses fosse espoliado de toda uma vida de trabalho árduo, obrigado a regressar a um país que não era o seu e que não conhecia; não sonharam que povos que até há bem pouco tempo eram Portugueses como nós iriam iniciar guerras civis de décadas, matando-se reciprocamente. Não sonharam que, bem lá longe, um povo que a única coisa que não queria era ser abandonado, visse o seu território ocupado durante décadas e os seus filhos mortos aos pés do invasor. Mas tudo isto aconteceu.-----Talvez a condução dos processos não tenha sido a mais correcta, porque se colocaram os interesses políticos à frente dos interesses de Portugal, e daí tenha sido necessário que um outro movimento, também com origem nas forças armadas, tenha pegado em armas no dia 25 de Novembro, para impedir que Portugal voltasse a resvalar de novo para uma ditadura. Novembro purificou Abril, a liberdade foi consolidada e apesar de tudo, a esperança manteve-se. A partir daqui, era realmente possível olhar o futuro com esperança e optimismo.-----Trinta e seis anos depois, o que temos? Um país em crise há quase uma década, em que cada vez mais portugueses e portuguesas se vêm obrigados a emigrar por não conseguirem aqui retirar o sustento para si e para as suas famílias. Um país que não

reconhece mérito aos seus, com uma máquina fiscal e burocrática que esmaga toda e qualquer pequena e média empresa, que coarcta a iniciativa, e se distrai com vergonhosos processos judiciais, cujo único resultado que apresentam é descredibilizar o sistema de justiça, e fazer com que os cidadãos cada vez menos confiem nas instituições. Um país que pede constantemente sacrifícios aos seus filhos, mas que não lhes confere o direito a verem uma luz ao fundo do túnel. Um país que não é competitivo num mercado cada vez mais global; um país em que o sistema instalado apenas aproveita a alguns. Não é este, seguramente, o Portugal de futuro idealizado pelos capitães de Abril.-----A geração dos nossos pais recebeu um país a fervilhar de esperança e confiança num futuro brilhante. Sonhámo-lo porque tínhamos o direito de o sonhar. A minha geração recebe, não muitos anos depois, um país em lenta agonia, onde o que falta é esperança e o que sobra é sacrifício e frustração. Foram décadas literalmente perdidas, onde seguimos um caminho de facilitismo e não nos preparámos convenientemente para o futuro, sabendo no entanto que outros haveriam de pagar a factura. O que agora vemos que acontece. As boas perspectivas que se abriram com a adesão ao Euro tornaram-se cada vez mais num lento definhar de expectativas. Jogamos num mercado cada vez mais global sem para tal estarmos minimamente preparados. Virámos as costas à nossa verdadeira vocação – o mar, para nos concentrarmos exclusivamente na vertente europeia, tendo essa opção trazido os resultados que se conhecem. Vejo no entanto com algum agrado que nos últimos anos se começa a retomar esta opção estratégica.-----É também com alguma tristeza que vemos este impasse no projecto de construção europeia. Uma união que, na sua génese, defendia a cooperação entre os estados europeus como forma de se reforçarem laços entre as diversas nações europeias, apenas se preocupa com questões económicas, ignorando-se tudo o resto. Esta começa a ser, talvez, mais uma Europa construída de costas voltadas para a vontade dos povos. E nenhuma dessas tentativas vingou. Esperamos também que a União Europeia saiba reverter o caminho que ultimamente decidiu trilhar, de molde a que cada estado membro se sinta seguro na União, e os seus cidadãos possam interiorizar que fazer parte de um verdadeiro projecto europeu é imensamente melhor do que estar fora dele.-----A minha geração recebe um país num estado que não gostaria de ter recebido. Nada disto é aquilo gostaríamos de receber, mas é o que temos. Os desafios que se colocam são imensos. Então, o que fazer? Desistir? Jamais!-----Em primeiro lugar, uma verdadeira revolução de mentalidades. Aprender a gostar mais de Portugal, defendendo-o sempre que tal se afigure necessário. Acreditando que, com trabalho, esforço e mérito, é possível reverter esta situação. Apostando na formação e na valorização do indivíduo como questão central da governação. Criando uma mentalidade vencedora para vingar num futuro que pode ainda ser radioso. A iniciativa tem de ser recompensada, o esforço deve ser premiado.-----À minha

geração pedem-se apenas sacrifícios e nada se promete. Saberemos receber o legado, na certeza de que, respeitando a história do que fomos, tudo faremos para encontrar o caminho para aquilo que queremos ser. E um dia lá chegaremos.-----Não podemos ter sempre uma visão redutora e pensar no que é que o nosso país pode fazer por nós. Devemos sim, pensar no que é que podemos fazer pelo nosso país. Não devemos pensar que é o Estado quem tem de tomar sempre a iniciativa, mas deixá-lo actuar nas questões e sectores onde imperativamente tem de estar presente, legando o resto a uma iniciativa privada que se quer competitiva e socialmente justa.-----Muito está, no entanto, por fazer. Abril e Novembro não estão ainda cumpridos. Consolidou-se a democracia, mas falta consolidar-se Portugal enquanto país de futuro. Falta fazer-se a tal revolução de mentalidades. Falta, acima de tudo, uma sociedade mais equitativa e socialmente justa. Falta que não se pense apenas em défices e PEC's quando existem pessoas que sofrem, quando há portugueses com fome, que não conseguem encontrar o emprego que garanta a sua subsistência.-----Só assim poderemos cumprir Abril. E hoje é o dia, e esta é a hora!-----Muito obrigado.”-----

-----Interveio de seguida o líder do Grupo Municipal da Coligação Democrática Unitária, **Sr. Nozes Pires** para proferir algumas palavras:-----“ Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal.-----Senhor Presidente da Junta de Freguesia.----- Senhoras e senhores vereadores.-----

Caríssimos colegas da Assembleia Municipal.----- Deixando a última palavra para o público e para as associações em particular.----- O 25 de Abril, como disse o Presidente da Junta de Freguesia da Ponte do Rol, tem uma marca, a meu ver, muito especial.-----Podemos

salientar muitos aspectos do 25 de Abril e nos discursos de hoje assim como de outra altura qualquer, cada um dirá, segundo a sua ideologia, segundo o seu ponto de vista, o que entende que foi o 25 de Abril.-----

Mas estou certo que é consensual, que estamos de acordo que o 25 de Abril deixou uma marca indelével, que é o associativismo. Mas o associativismo de raiz, o associativismo popular, o associativismo autónomo, que se reivindica com orgulho da sua própria autonomia.-----Eu tenho idade suficiente para ter conhecido durante a ditadura

fascista, as associações que existiam então.

-----Mas associações que existiam antes do 25 de Abril, as boas, as que faziam coisas interessantes de cultura e desporto, viviam sempre perseguidas pela policia politica, a PIDE, não sei se os jovens conhecem este nome, famigerado, horrível, que nunca mais esquecemos.-----Era uma reunião numa associação, para se discutir sobre a realização de uma sessão de cinema, de uma prova de desporto, ou de uma actividade cultural e sabíamos que estava ali um espião, um agente da PIDE, com ar falsamente discreto. a tomar notas, a registar o que dizíamos, o que fazíamos nas reuniões.-----O

Associativismo existia e era valente, bravo, corajoso, desenvolvia actividades importantíssimas, algumas das quais ainda hoje não se conseguem repetir, mas fazia-o sob condições extremamente duras que levavam à prisão de muitos de nós, apenas porque éramos amantes do associativismo.-----

Imaginem do associativismo!-----

Portanto o associativismo, depois de alguns percalços e tal como já foi dito pelo Presidente de Junta de Freguesia da Ponte do Rol num discurso que tocou numa marca que me interessa muito especialmente, aqui em Ponte do Rol dá um excelente exemplo e é sobretudo um associativismo, popular sem tutelas, não quer dizer que não receba apoios, ajudas, porque o merece, mas é um associativismo democrático e esta palavra, com a qual eu preparo o inicio do fim da minha intervenção, a palavra democracia é das mais bonitas palavras.-----

Vazia sim, porque nós podemos meter nela o que quisermos!-----Aqui podemos ouvir discursos e ideologias diferentes sobre a democracia, podemos por exemplo ouvir louvores ao 25 de Novembro e em contrapartida algum desagrado em relação aquilo que aconteceu depois do 25 de Abril.-----

Poderiam ouvir as minhas palavras, que seriam diferentes, pois eu não louvo assim tanto, o 25 de Novembro, acho que se perdeu bastante depois do 25 de Novembro.-----Mas isso são perspectivas. É a minha, firme, convicta, os documentos que eu tenho lido, não demonstram que havia depois do 25 de Abril, uma intentona, uma conspiração organizada, para se implantar uma segunda ou diferente ditadura em Portugal. -----

O que interessa acima de tudo, é que a democracia, de uma maneira ou de outra conservou-se!-----  
Conservou-se!-----

E é precisamente o facto de nós vivermos em regime democrático que é um paradoxo, que há uma contradição.-----

A democracia significa, creio que para todos os presentes, independentemente das nossas doutrinas

políticas, em primeiro lugar vivermos decentemente, termos todos emprego. -----Ora nós temos centenas de milhar de desempregados neste momento, uns falam em 700.000, outros em 600.000, independentemente disso, temos centenas de milhares de desempregados.-----Isto é um paradoxo da democracia.-----Em segundo lugar, temos milhares de trabalhadores, uns falam de um milhão e tal, será mais será menos, em regime absolutamente precário, trabalho a prazo, curto prazo até, sem contratos, ou se é despedido por qualquer motivo, ou trabalha-se 3, 6 meses.-----E temos centenas de milhares de portugueses e portuguesas nestas condições.-----Com a democracia isto não joga bem.-----Depois temos pensionistas, aposentados, pessoas que vivem das reformas e das pensões.-----Qual é a pensão média? De que é que vivem os portugueses pensionistas? Uns falam em €200, outros em €300, nem que fosse €500, que não é.-----Reparem, façam as contas. Centenas de milhares de portugueses vivem com essa quantia de dinheiro ao fim do mês, tendo que pagar medicamentos, porque o pensionista, regra geral, é idoso suficientemente para ter as suas mazelas.-----Acham, bem? Acham que isto joga com a democracia que nós todos aqui amamos? Alguém se atreve aqui a dizer que não ama a democracia?-----Todos amamos a democracia.-----Então não havemos de ter compaixão, não havemos de ter um sentimento de desagrado, em relação a esta situação social que estamos hoje a viver e que está a agravar-se?-----Isto é democracia?-----Política é!-----Mas é o resto a democracia que nós amamos, que nós fizemos com o 25 de Abril? Não dou respostas, não venho por impor nenhuma convicção, nenhuma doutrina.-----Venho para apelar à vossa consciência, à vossa compaixão, à vossa solidariedade, para que não sejamos indiferentes aos dois milhões de pobres, portugueses e portuguesas, que vivem em Portugal.-----Que não sejamos indiferentes às crianças que só têm uma refeição por dia, que é aquela que a escola lhes oferece.-----Mesmo assim, viva a democracia!-----Viva o 25 de Abril!-----E viva a Ponte do Rol!”-----

-----Teve de seguida a palavra o representante do PSD, **Sr. Luís Carlos Lopes** que fez o seguinte discurso:-----

-----“ Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras.-----Exmo Senhor Presidente de Junta de Freguesia de Ponte do Rol.-----Exmos Senhores membros da Assembleia Municipal.-----Exmos Senhores Vereadores.-----Exmos Senhores Presidentes de Juntas de Freguesia.-----Demais autarcas.-----

Senhores convidados.-----

Representantes de associações e clubes do concelho.-----

Minhas senhoras e meus senhores.-----

Celebramos hoje mais um aniversário da revolução do 25 de Abril de 1974.-----

Nesse dia, o povo português pôde festejar com regozijo a conquista da liberdade.-----

A liberdade é um valor que, porém, não se esgota num dado momento nem podemos considerar de definitivamente

adquirida.-----Como disse

Vítor Hugo, quando aumenta a liberdade, aumenta a responsabilidade.-----Neste

momento, quando uma grande parte da nossa população nasceu depois de 1974, em que a maioria dos nossos jovens manifesta uma ignorância profunda sobre os acontecimentos daquele dia, celebrar Abril deve ser muito mais do que um conjunto de cerimónias e eventos.-----Para

os que viveram o 25 de Abril e o período que lhe sucedeu, a data contém um conjunto de recordações, experiências, fascinantes e irreproduzíveis.-----E para os mais jovens? Aqueles que

já nasceram em democracia, embora reconhecendo a generosidade, daqueles que lhes legaram a liberdade de pensar, de participar e de discutir, olhando à sua volta, como interpretam a sociedade e a situação do país neste principio de Século XXI?-----Um país em que mais de 531.000

portugueses se encontram no desemprego.-----Um país em que o deficit público atingiu 9,4%. Em que mais de 2 milhões de cidadãos são considerados pobres. Em que 200.000 passam mesmo fome. E em que 10% dos mais ricos ficam com 30 % do rendimento.-----Um país

em que muitos jovens, embora muito mais preparados e mais instruídos do que os seus pais, com licenciaturas, mestrados e doutoramentos, apenas tem como alternativa a emigração. -----É evidente que com o simples passar dos tempos, com a evolução científica e tecnológica, com recurso

aos fundos comunitários, Portugal mudou.-----

Foram alcançados progressos assinaláveis nos indicadores e padrões de saúde, na qualidade de vida, nas infra-estruturas.-----

Generalizou-se o acesso ao ensino e apoiou-se a cultura.-----

Porém passados 36 anos, neste Abril de 2010, Portugal parece ter chegado a um impasse, sem rumo, sem projecto, pendente mais uma vez do apoio e suporte dos nossos parceiros e aliados.-----

Decerto que não foi para isto, que um conjunto de homens valorosos pensou e concretizou o 25 de Abril.-----

-E diríamos e em Torres Vedras?-----

Torres Vedras sempre foi um concelho diferente. Com os seus cerca de 400 km<sup>2</sup>, com uma costa extensa, e situado bem próximo de Lisboa, com condições excelentes para diversas produções agrícolas e pecuárias contou sempre com um povo laborioso.-----

O espírito de iniciativa dos torrienses, sempre foi notável, tendo-se concretizado ao longo dos tempos, através da constituição de empresas inovadoras e competitivas.-----

Do 25 de Abril, emanou em Portugal e em Torres Vedras o poder autárquico eleito e livre, onde muitos torrienses de todos os quadrantes políticos deram o seu melhor nas freguesias e no município.-----

----Como é obvio, passadas quase 4 décadas, também em Torres Vedras muito se alterou.-----

Foram assegurados grande parte das estruturas básicas de água e saneamento, foram construídas estradas e arruamentos, foram organizados espaços e praças, foram edificados alguns edifícios públicos, construíram-se equipamentos de lazer e desporto. Os serviços à comunidade foram diversificados e melhorados.-----

Porém, no fim da primeira década do século XXI e passados muitos anos sobre a revolução, muito está por fazer. Por isso e num certo sentido, o 25 de Abril continua por cumprir.-----

Continua por cumprir quando não conseguimos proporcionar emprego no conselho aos jovens torrienses, jovens formados, que muitas vezes em Torres Vedras apenas conseguem empregos precários, incertos e muitas vezes mal remunerados.-----

Quando condicionamos o transporte de mercadorias e deslocações diárias dos nossos munícipes, muitos deles jovens, à utilização de uma auto-estrada cara e insegura.-----

Quando testemunhamos atrasos nos serviços públicos de saúde. Não é digno no século XXI que muitos torrienses tenham que se deslocar para as extensões dos Centros de Saúde, ao início da madrugada, para conseguir uma consulta médica.-----

Quando presenciamos o aumento de

criminalidade e da insegurança no conselho e na cidade.-----Quando verificamos que o processo de reestruturação e construção de escolas básicas do concelho se arrasta por longos anos, implicando que muitas crianças continuem a cumprir a totalidade da sua formação básica, nas mesmas escolas e com as mesmas condições de seus pais e avós.-----

----Quando constatamos que a rede de escolas secundárias do concelho está a atingir a saturação.-----Quando percebemos que a estratégia para implementação de parques industriais se mostrou inadequada, dispendiosa e inconsequente.-----

-----Quando percebemos o escasso apoio prestado às empresas e ao empreendedorismo.-----Quando esperamos anos a fio pela aprovação de planos e muito mais pela concretização das obras.-----

----Quando verificamos, tal como alguém recordou publicamente há poucos dias, que certas decisões por vezes onerosas para os cofres públicos, são tomadas sem critérios definidos, ou seja casuisticamente.-----

----E assim chegamos a uma situação em que passados quase quatro décadas sobre a mudança do regime, nunca politicamente o país esteve tão mal, entre os cidadãos alastra uma descrença profunda em relação aos políticos e às instituições.-----

-----A participação cívica e política diminuiu. A crítica, por vezes decerto injusta, floresce e torna-se lactente, o mau estar torna-se permanente.-----

-----É pois tempo dos dirigentes deixarem de pensar que dirigir ou governar, mesmo com toda a legitimidade democrática e por vezes mesmo aparentemente salvaguardados com confortável maiorias, é sinónimo de poder absoluto e inquestionável.-----

-----Perante a grave crise existente económica social política exige-se que as decisões dos políticos sejam cada vez mais transparentes, mais ponderadas e se possível partilhadas.-----

-----Nestes tempos difíceis todos nós políticos e cidadãos, somos convocados para, dando um novo impulso aos ideais de Abril, construirmos em conjunto, um melhor futuro para as novas gerações, aproveitando os melhores e valorizando as boas ideias, independentemente da sua origem.-----

-----Ao longo da nossa história, vivemos momentos terríveis e sempre os conseguimos superar.-----Os torrienses bem deram o exemplo dessa capacidade de resistência há 200 anos, quando com generosidade e coragem participaram na edificação e na defesa das Linhas de Torres Vedras que este anos comemoramos.-----

-----O mesmo há-de acontecer, estou certo, com a presente crise.-----

-----Assim seremos dignos da memória e dos ideais do 25 de Abril.-----

Construiremos uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igual.”-----

-----Terminada esta intervenção, tomou a palavra o representante do Partido Socialista, **Sra. Ana Elisa Martins**, para dizer algumas palavras:-----“ Gostaria de dizer que venho

aqui hoje para vos trazer uma outra perspectiva do 25 de Abril e apelar essencialmente aos sentimentos e não tanto aos factos históricos e políticos, porque em relação a esses, já muito aqui foi dito.-----E, realmente, temos 36 anos

de 25 de Abril, 36 anos de discursos, de pensamentos, de raciocínios, de alternativas e cada um com a sua própria opinião, porque neste momento nós somos livres de pensarmos sobre os factos aquilo que quisermos desde que respeitemos os ideais e a liberdade dos outros.-----Eu hoje

aqui estou com um sentimento do que representa para mim o 25 de Abril.-----

Pertenço a uma outra geração, não estava cá quando se deu o 25 de Abril, sou filha e neta de emigrantes.-----

-----O meu bisavô, já antes da grande depressão dos anos 30, tomou um barco e rumou aos Estados Unidos para lá trabalhar nos campos de trigo, onde trabalhou durante 10 anos.-----Quando veio para Portugal comprou umas terras aqui no concelho

de Torres Vedras. Comprou umas terras porque a pretensão e o ideal dele era semear trigo, porque desde que houvesse terra e desde que houvesse trigo havia pão.-----A minha avó foi educada

neste ideal. Era o ideal da ruralidade, que era representativa do nosso concelho. Nós somos, já há muitos anos, classificados como o primeiro concelho rural do distrito de Lisboa e a minha avó, que para mim constitui uma referência, sempre me ensinou esses ideais, que são os ideais da ditadura salazarista.-----Sempre me incutiu

que Deus, a família e a pátria são a pedra basilar com que nós nos devemos reger no dia à dia e o que interessava era trabalhar, criar alguma riqueza e ter o essencial para o dia à dia.-----

-----É evidente que isto mudou quando eu tomei conhecimento da historia do meu pai, que aos 11 anos ficou órfão de pai, trabalhou arduamente para conseguir sobreviver nos anos 50 e que nos anos 68,70 foi obrigado a emigrar para a Alemanha porque em Portugal não conseguia ganhar o suficiente para comer.-----Os

meus pais foram para a Alemanha e foi aí que eu fui educada, um país completamente diferente.-----

-----A primeira vez que eu me recordo de ter vindo a Portugal foi em 1982, não sabia nada do 25 de Abril, não sabia que tinha existido uma revolução pacífica em Portugal, pensava que Portugal,

fazendo parte do continente Europeu seria muito idêntico à Alemanha.-----E o facto é que, quando cá cheguei fiquei horrorizada. Achei este país extremamente atrasado, tinha televisão a preto e branco, eu só conhecia a cores, não tinha chocolates alguns, apenas os Regina, umas pastilhas gorila, não havia escolha nenhuma.-----As escolas primárias eram umas casinhas pequeninas, com pouca gente, o que achei estranhíssimo.-----

-----Nessa ocasião, os meus pais eram muito amigos de um senhor, que vivia aqui na zona de Torres Vedras, que era membro do PCP na altura e que tinha uma biblioteca excepcional, onde, sendo ele, comunista, tinha muitas referências a Karl Max e a Lennin.-----Tinha também um livro sobre o Tarrafal que foi o livro que mais me impressionou, porque todos os outros eram teorias e questões políticas que não me interessavam para nada, mas este fez-me mudar a minha perspectiva, porque o Tarrafal era uma colónia penal durante a ditadura salazarista e como as pessoas eram presas em Portugal porque tinham opiniões diferentes de Salazar, eram enviadas e ficavam presas nesta ilha de Cabo Verde, sem direito a julgamento.-----Ou seja, como referiu o colega Nozes Pires, as pessoas reuniam-se, alguém fazia queixa e essa pessoa, que tinha família e que trabalhava, só porque tinha expresso uma opinião, que não ia de acordo com o regime, era arrancada à sua família, ao seu país e era colocada nesta ilha.-----E mais me impressionou porque uma das formas de tortura no Tarrafal era enterrar as pessoas até ao pescoço dentro da areia e deixá-las ao sol. Era a pior tortura possível. Sem água, dias a fio e havia quem morresse.-----

Comecei de facto a pensar que algo tinha que ter mudado porque já não havia presos políticos e comecei a ler sobre o 25 de Abril.-----Percebi que o 25 de Abril tinha significado uma grande mudança em Portugal, que as pessoas fizeram o 25 de Abril porque queriam ter liberdade, ter opinião própria, ter liberdade de escolha e comecei a aperceber-me que este país era um país democrático.-----Vejo actualmente que as pessoas foram esmorecendo.-----36 anos passaram, as pessoas foram desacreditando na mudança.-----Acho que todos nós, individualmente temos que fazer um esforço muito grande, para voltar a acreditar no 25 de Abril.-----Voltar a acreditar que nós somos capazes.----- Temos que deixar de ser como o velho do Restelo, como descreve o Luís de Camões, quando as naus partiram para a Índia, que dizia vós sois loucos, metem-se numas naus, vão por esses mares a dentro,

perdem-se, estão a querer armar-se em heróis e vão todos morrer.-----  
Mas os portugueses daquela altura arriscaram, inovaram, descobriram coisas maravilhosas e trouxeram muita riqueza para o país.-----É esse espírito empreendedor e inovador que Portugal necessita e que nós individualmente necessitamos.-----

-----Recordo-me de uma expressão gira que li algures “a grandeza de uma homem avalia-se na forma como ele se ergue após a queda”. Parece-me que há um sentimento de queda, de depressão, de negativismo no nosso país.-----

Nós temos que individualmente ser positivos, ser optimistas e pensar que cada um de nós, se não está bem, se algo não está bem, tem que pegar em si próprio, arranjar forças não se sabe aonde e tentar sobreviver, porque o 25 de Abril é isso, é mudança, é inovação é criatividade e foi para isso que pessoas lutaram e morreram, durante uma ditadura salazarista.-----

A minha avó já não acha que o Salazar era bom, já a convenci do contrário e felizmente a minha família é uma família cheia de esperança para o futuro, é uma família vigilante, porque também é uma questão de cidadania.-----

Todos vós têm que vigiar, fiscalizar e os autarcas aqui presentes, os Órgão Executivos usam o nosso dinheiro, em nosso benefício e nós temos que fiscalizar e verificar se o trabalho que eles fazem é digno e se se adequa às nossas necessidades.-----

Portanto, a primeira obrigação de qualquer cidadão e qualquer pessoa que assistiu ao 25 de Abril sabe o que representa, é ser cidadã a 100%, estar presente e saber o que se passa, verificar e participar.-----

-----É isto o que para mim significa o 25 de Abril.-----Viva o 25 de Abril!”-----

-----Seguiu-se o discurso alusivo às comemorações de 25 de Abril de 2010, proferido pelo Presidente da Câmara, **Sr. Carlos Manuel Soares Miguel**:-----

-----“Dr. Alberto Avelino.-----

-----Cria que é grande a minha alegria e tenho a certeza que grande a alegria de todos, em vê-lo aqui, hoje, restabelecido, de plena saúde, a presidir esta Sessão Solene da Assembleia Municipal, uma Assembleia Municipal muito especial, você que será sempre para todos nós, para todos os torrienses, uma referência do 25 de Abril.-----

-----Exma Mesa.-----

Senhor Presidente de Junta de Freguesia, o meu obrigado e obrigado a todos ponterrolenses por nos receber nesta sua freguesia que é a nossa terra, mas muito especialmente o meu obrigado, pelo espectáculo que nos proporcionou no dia de ontem, com gente que, sendo torrienses, são torrienses da Ponte do Rol, que engrandeceu a freguesia e que engrandece-nos a nós, enquanto concelho activo, enquanto concelho de cultura.-----Caros membros da Assembleia Municipal e dentro destes muito especialmente os Senhores Presidente de Junta, que são membros efectivos da Assembleia Municipal e entre todos, permitam-me uma referência muito especial àqueles que, enquanto autarcas, enquanto membros da Assembleia Municipal, fazem aqui hoje a sua estreia, numa comemoração do 25 de Abril e são bastantes, prova do rejuvenescimento da nossa democracia e da nossa laborosidade enquanto cidadãos activos e democratas, no nosso concelho.-----Exmos colegas vereadores.-----Exmos e dignísimos, presidentes, dirigentes e porta estandartes das nossas associações que, “teimosamente”, aqui fazem questão de estarem presentes e connosco comemorar algo que é de todos, mas acima de tudo é das associações, como aqui muito bem foi referenciado por dois oradores que me antecederam neste púlpito.-----Muito obrigado por aqui estarem, por engalanarem esta sala mas, essencialmente, por engalanarem o dia a dia do nosso território.-----Exmos senhoras e senhores.-----Ponterrolenses em especial.-----Caros concidadãos.-----Hoje comemoramos o 25 de Abril de 1974, ou seja comemoramos o 36.º aniversário do 25 de Abril.-----Ao longo destes anos, muito se tem falado e muito se tem dito do 25 de Abril.-----Tenho a certeza absoluta que muitas coisas estarão ainda por dizer e ainda por falar, sobre o 25 de Abril, por motivo muito simples e fácil de entender.-----Efectivamente, o 25 de Abril é, acima de tudo, uma porta de esperança para o futuro de todos nós, é, essencialmente, uma porta de participação cívica e pública na vida das comunidades, é uma porta de responsabilidade colectiva de todos, que se abre.-----E quando se fala em esperança, quando se fala em participação e quando se fala em responsabilidade, são conversas que nunca estarão acabadas, são conversas que serão sempre fortalecidas ano após ano.-----É com o 25 de Abril que nós torrienses, mas essencialmente que nós portugueses encontrámos e a partir dai

exercitámos, uma envolvência colectiva, naquilo que é a definição dos nossos destinos enquanto comunidade.-----É com o 25 de Abril que nós exercitamos diariamente uma onda de solidariedade e uma onda de entreatajuda, entre colectividades, entre associações, entre instituições e Torres Vedras tem sido ao longo do tempo um bom exemplo desse 25 de Abril de ajuda, de responsabilidade e de entreatajuda.-----Permitam-me que me socorra de um exemplo muito recente.-----Um exemplo torriense que está na nossa memória e com isso honro e elogio todos aqueles que, de uma forma ou outra, estiveram envolvidos.-----Recorro ao exemplo das intempéries de Dezembro último em que os ventos assolaram como ninguém se recorda e logo após a ventania tivemos cheias. A Ponte do Rol é um bom exemplo dos estragos feitos pelos ventos e pelas cheias.-----Efectivamente perante essa adversidade e perante o espírito que habita e que se desenvolveu após o 25 de Abril, as populações e os agentes económicos mobilizaram-se. A protecção civil actuou e respondeu às necessidades das pessoas e das empresas. As Câmaras Municipais juntamente com as Juntas de Freguesia, apoiaram as pessoas e os empresários e o governo respondeu com prontidão naquilo que era necessário para repor o potencial produtivo.-----Torres Vedras é exemplo deste dinamismo, deste dinamismo colectivo, em que cada um encara a sua vida de “per si” mas, no seu conjunto, encaramos a vida da comunidade.-----É este dinamismo e esta cooperação, esta eficácia em construir o dia a dia que devemos enaltecer e ela será sempre também um fruto de Abril.-----Esta é a nossa matriz.-----Esta é a matriz que nós temos no nosso concelho, um concelho de grande equilíbrio, um concelho que tem mantido um grande equilíbrio naquilo que é a sua expressão territorial e aquilo que é a sua expressão populacional.-----E para mantermos este equilíbrio, esta grande força, esta grande vantagem perante outros concelhos, temos que continuar a investir neste ecletismo e continuar a investir naquilo que é a distribuição de equipamentos por todas as freguesias do nosso concelho.-----É determinante.-----

Só assim conseguiremos “agarrar” a nossa população aos seus locais de origem e só assim conseguiremos manter o equilíbrio que temos construído até aqui.-----E para isso os parques escolares, que já aqui foram falados hoje, são obras essenciais.-----A renovação de todo o nosso parque escolar serve, em primeira linha de grandeza as nossas crianças, serve os nossos educadores, mas serve primordialmente toda a população.-----É determinante continuarmos essa



sempre com grande equilíbrio e cortar as fatias de um bolo, que nunca é tão grande quanto queríamos e tão grande quanto precisávamos, com o máximo equilíbrio mas também executá-la com a máxima pertinência.-----

Todas as funções são importantes e por isso a nós exijam-nos equilíbrio, a nós não nos exijam alternativa.-----

-----Para nós, para Torres Vedras é fundamental, é determinante e é uma grande riqueza podermos contar com seis bandas filarmónicas, sendo a Ponte do Rol um exemplo muito concreto disso.-----Temos seis bandas no concelho, seis ranchos folclóricos, quatro escolas de dança, quatro grupos de teatro, quando há quatro anos atrás não tínhamos um único.-----

Temos três coros, cinco galerias de arte, um Teatro-Cine que funciona e abre as portas todos os dias. Temos já quase um número indeterminado de associações culturais.-----

E se alguém quer prova mais cabal do que estou a falar, hoje alguém que me antecedeu, falou nas comemorações dos 200 anos das Linhas de Torres Vedras.-----

Fizemos um convite, através de uma comissão criada para o efeito, a todas as associações, para que apresentassem propostas para comemorar os 200 anos das Linhas de Torres.-----

Esta comissão apreciou, conversou, seleccionou essas propostas.-----Temos um programa comemorativo dos 200 anos que tem actividades todas as semanas, sem excepção.-----

-----Para vosso conhecimento posso informar que em todo o programa das comemorações dos 200 anos participam “só” 94 entidades, diga-se, associações do nosso concelho.-----

É prova cabal, não só da riqueza associativa do nosso concelho, como da participação directa de todos, naquilo que é o destino comum.-----

Já há um bocado me recorri a uma passagem de um compromisso que assumi enquanto líder de um colectivo em Outubro último “querer uma cidade e um concelho que vê na cultura o principal factor de educação, diferenciação e notoriedade dos cidadãos e do território.”-----

Estamos a ser coerentes com o nosso compromisso, estamos a ser responsáveis com o nosso compromisso e não somos nem demagogos, nem nos escondemos atrás de demagogia para esconder muita ausência de ideias e muita ausência de alternativas.-----

Queremos dizer e dizer de forma clara e sem subterfúgios que nós PS em Torres Vedras revemo-nos inteiramente nos torrienses do Sec. XIV, que, quando tiveram o problema de dotar a cidade, na altura a vila de Torres Vedras, de água potável, construíram aquilo que nós conhecemos pelo Aqueduto, mas depois, sendo preciso fornecer água à população, não se limitaram a construir duas bicas de

água e um tanque onde colhia essa água e que servia como bebedouro para os animais.

----Construíram também pilares, fizeram arcos ogivais, colocaram gárgulas, ainda adornaram com ameias e construíram aquilo que hoje nós conhecemos como o Chafariz dos Canos, que não é uma obra supérflua, antes pelo contrário, é um monumento nacional e é referência de todos os torrienses, para o estrangeiro e para Portugal.-----É uma obra única e revemo-nos nestes torrienses que a construíram.-----Como também nos revemos nos torrienses do Sec XVIII que depois de construírem a Igreja da Graça e com essa construção servir o fim a que ela se destina, o culto católico, resolveram, num acto de grandeza, dotar aquela igreja daquilo que hoje nós conhecemos como o seu pórtico manuelino, também ele monumento nacional, que não serve em nada o culto, muito menos serve para agarrar a porta que lá estava, mas essencialmente e determinantemente, serve para engrandecer um património e para legar às gerações futuras, a nós, algo que nós não dispensamos enquanto referencia do nosso território.-----

----É determinante legar património aos vindouros.-----Mas também quero dizer, porque é oportuno e porque é próprio dizer aqui que efectivamente nós Partido Socialista em Torres Vedras não nos revemos minimamente nos torrienses dos Sec XVI que quando foram confrontados com a hipótese séria e real de ter uma universidade em Torres Vedras, disseram não, não queremos a universidade, porque temos medo do desafio, temos medo da novidade, temos medo daquilo que nos poderá alterar o nosso dia a dia.-----Não nos revemos nessa atitude.-----Nós queremos e aceitamos desafios, nós queremos desafios de futuro. É esse o nosso entendimento, é essa a nossa forma de estar. Podem contar para o presente e poderão contar para o futuro, com esta postura.-----E são muitos os desafios.-----São muitos os desafios estruturais que Torres Vedras tem. Estamos num ponto crucial para os aprovarmos.-----

----Podíamos falar num sem número de situações conjunturais.-----Permitam-me que eleja, entre outras, três situações nacionais das quais sozinhos não conseguiremos fazer nada, mas temos que encontrar parcerias e temos que estar unidos para conseguir o bem estar para a nossa população.-----Já aqui foi abordado e por isso quero frisar que temos um grande desafio no que se refere aos cuidados de saúde. Naquilo que se refere ao que será o futuro do nosso hospital e que terá a designação de Hospital Oeste

Sul.----- É determinante nestes meses que se seguem, nestes anos que se seguem conseguirmos que haja uma definição clara dos cuidados de saúde a exercer naquele espaço para o futuro e que haja uma articulação profunda entre aquilo que se passará no Oeste-Norte e o que se passará no Oeste- Sul, nunca aceitando que o equipamento do sul seja um complemento do norte, mas que os dois sejam articulados um com o outro e que os dois sejam executados em simultâneo.-----Mas para além do hospital e para além deste mega equipamento, preocupa-nos muito aquilo que são as unidades de saúde familiares, ou seja os equipamentos de proximidade às populações.-----Podem contar com a nossa compreensão, com o facto de não existirem meios humanos, leia-se, não existirem médicos suficientes para chegar a todos os postos. Compreendemos isso.-----Compreendemos que é necessário que as unidades de saúde aglutinem territórios para que possam servir melhor as populações.-----Aceitamos isso plenamente.-----Nunca aceitaremos que não hajam equipas dessas unidades de saúde familiar que se desloquem às sedes de freguesia, aos postos e que aí no mínimo, uma vez por semana, atendam directamente a população desse terrotório.-----É um desafio que é presente, que é de hoje, com o qual somos confrontados e é bom que possamos falar a uma só voz.-----E para que possamos falar a uma só voz, é determinante o futuro da Linha do Oeste.-----Sabemos que não é um desafio, nem para um mês, nem para um ano e nem para uma década. Mas se nós o começarmos hoje, mais depressa ou mais tarde chegaremos ao seu fim.-----Quando hoje e felizmente, a Linha do Oeste começa a estar, digamos, no roteiro politico-partidário de algumas forças, é bom que se diga que aquilo que se fala é insuficiente.-----É insuficiente não só para Torres Vedras, é insuficiente para o país.-----Falarmos numa Linha do Oeste só com electrificação e só com novo material circulante, mantendo o seu traçado e mantendo a sua amarração ao Cacém, à linha de Sintra, será sempre uma linha sem futuro, por muito moderna que seja, ou muito moderno que seja o material circulante.-----Aquilo que sempre defendemos e tenho o privilégio de ter sido dos primeiros a falar nisso e a confrontar a Refer com este assunto, aquilo que é necessário, não só para Torres Vedras mas para a linha, para Portugal, para que ela sirva as pessoas, sirva as mercadorias, é uma “refundação” da linha, isto é uma linha com um novo traçado, a partir da Malveira, que não amarre nem na Linha de Sintra, nem na Linha do Norte, mas que tenha uma amarração própria, seja ela no Oriente seja na Portela.-----Só assim é que teremos, um traçado, que para os torrienses e para Torres Vedras, represente

cerca de 30 minutos até Lisboa.-----Este é um desafio que tem que ser um desafio de todos e não pode ser um desafio deste ou daquele partido.-----Por último também vos quero referir um outro desafio nacional.-----O desafio da segurança.-----Da segurança que nos preocupa dia após dia e cada vez mais.-----Temos dialogado com o governo no sentido de conseguirmos e vamos outorgar um Contrato Local de Segurança ainda no mês de Maio que permitirá uma maior proximidade das forças de segurança àquilo que é a zona comercial na zona histórica de Torres Vedras.-----É necessário monitorizar, esse esforço, esse dia a dia das forças de segurança.-----Mas possivelmente ao dia de hoje, mais que esta preocupação da segurança na cidade, preocupa-me a situação da segurança nas zonas rurais, que por serem menos mediáticas, vêm menos nas páginas dos jornais, mas todos os dias, todos os dias sem excepção, temos notícias de acontecer furtos, esta ou aquela violência naquilo que nós conhecemos pelo mundo rural.-----Tenho muita preocupação e teremos sempre muito empenhamento em poder obter reforços de meios humanos, de meios policiais de forma a que os agentes da autoridade possam actuar de forma mais célere e que possam proteger a maior parte da nossa população que vive fora da cidade e que está mais indefesa.-----São preocupações que não conseguimos resolver sozinhos enquanto poder local.-----Mas são preocupações que temos que partilhar e obter respostas daqueles que estão acima de nós ou seja do poder central.-----É fundamental para isso que todos nós, todos os torrienses falemos a uma só voz, e que façamos uma distinção muito clara entre aquilo que é estrutural para o concelho e o que é conjuntural para todos nós.-----E que naquilo que seja estrutural como aquilo que acabamos de falar não haja, nem grandes divergências nem grande discursos ínvios.-----É importante para o nosso futuro, fazemos um esforço, um esforço muito grande para evidenciar as grandes coisas que nos unem e não as pequenas coisas que nos separam.-----Este é um desafio nosso, mas este também é um desafio de Abril.-----É uma responsabilidade partilhada e exigida por todos os torrienses, a nós que temos o privilégio de ser autarcas eleitos e eleitos livremente.-----É este o caminho, no nosso entendimento.-----É isto que nós queremos.-----

Queremos uma Torres Vedras mais desenvolvida, sem qualquer dúvida, mas uma Torres Vedras que tenha notoriedade e que tenha atractibilidade para novas empresas e para novos torrienses.-----

É para isso que trabalhamos todos os dias.-----

É isso que queremos conseguir todos dias.-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva Torres Vedras!-----

Viva Portugal!-----

-----Encerrou os discursos, o Presidente da Assembleia Municipal de Torres Vedras, **Sr. Alberto Manuel Avelino**, com a alocução que se transcreve:-----

-----Senhor Presidente da Câmara, querido amigo muito obrigado pelas palavras, agradecendo também o seu acompanhamento minuto a minuto, quando este quase septuagenário se foi um pouco abaixo mas que está aqui já, neste estado mais ou menos razoável, quase para o bom.-----Senhores Deputados Municipais, onde incluo o anfitrião Pedro Vasa, Presidente da Junta de Freguesia da Ponte do Rol, que nos quis obsequiar com este espectáculo extraordinário, para além da grande festa de ontem e da disponibilidade para receber os autarcas desta terra.-----A todos os autarcas, a todas as associações e a todas as pessoas aqui presentes, os meus agradecimentos.-----

-----Pelo menos de há 5 anos a esta parte que aproveitamos a efeméride do 25 de Abril para comemorar alguma obra nova que se faça nas Freguesia do Concelho. Lembro as Piscinas de A-dos-Cunhados, a sede da Junta da Freguesia da Maceira, o Pavilhão Gimnodesportivo de S. Domingos de Carmões, o Mercado do Ramalhal, o Centro Educativo do Outeiro da Cabeça, e hoje também aqui com uma obra pública da Junta de Freguesia, o Parque Verde da Ponte, entre outros.-----Dir-se-á

porquê?-----O 25 de Abril foi feito para isto? Não; mas também!-----Todos os anos se faz uma obra para que no 25 de Abril, estejamos presentes? Não!-----Há muitas obras durante todo o ano e nós conhecemo-las.-----

Felizmente não estamos como outrora. Recordo que, enquanto Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras, se conseguisse fazer uma estrada com dois km num ano, era uma coisa extraordinária, e repito porque o ano passado, nem toda a gente ouviu bem, algures no Outeiro da Cabeça, que o dinheiro distribuído há dois anos pelas Juntas de Freguesia, por protocolo, pela Câmara Municipal, foi dez vezes superior ao orçamento de um ano na Câmara Municipal, isto é 5 milhões de

euros.-----Veja-se

pois a diferença e veja-se também aqui a mão de um 25 de Abril, porque se as Câmaras no início ainda tinham que estender a mão ao Terreiro do Paço, o que hoje ainda é preciso, de vez em quando, mas naquela altura era quase que proibido. Não havia dinheiro para nada.-----Nós bem púnhamos, no nosso orçamento, para o ano seguinte, muitas e muitas obras, mas era apenas para inglês ver, porque não era possível.-----

Hoje felizmente e é um hoje com muitos anos, vemos claramente a diferença.-----

Vê-se a diferença nas escolas, esta aqui a dois passos que eu frequentei outrora, quando vim para a Ponte do Rol onde fiz grandes amizades, que perduram até hoje, já lá vão cinquenta e muitos anos.-----

----Mas também me lembro, citando a questão da escola/ educação, que toda a gente fala, mas que parece que têm medo a falar da educação num todo, que nessa altura não era propriamente educação. Era o ensino. Ia-se para a escola, quem podia ia, porque geralmente não apetecia ir para a escola, até porque se da Fonte Grada/Ponte do Rol, ir e vir a pé todos os dias, nem era muito longe, fazer Fonte Grada/ Torres Vedras durante sete anos já custava, doía muito e não havia motivação nenhuma para andar na escola.

Nenhuma!-----Veja-se as diferenças das infra-estruturas aqui focadas, quando o Senhor Presidente da Câmara Municipal citou as mil e umas escolas que estão a ser renovadas no nosso concelho e certamente pelo país.-----

Há outras motivações.-----

Mas penso que a educação, a componente escolar num todo, não está aquilo que gostaríamos e deve-se a muitos factores.-----

Um deles, que é fundamental, o entendimento que os partidos deveriam ter sobre uma política educacional a valer, para durar durante anos, para que uma geração tirasse fruto desse entendimento global e não mudar de acordo com os diferentes ministros, ou com diferentes partidos. Assim não é possível.-----

----Em segundo lugar os pais não têm só que gostar dos filhos, têm que ser responsáveis também pela sua educação, e infelizmente alguns pais, não têm esta responsabilidade educacional dos filhos.-----Este é um mal na sociedade portuguesa.-----E quando a deputada Ana

Elisa aqui frisou os tempos da Alemanha, que eu conheci nos anos 60, também como trabalhador, em que via naquela malta que ia para a escola, uma certa maneira de estar e o gosto por lá estar. Tinham não só a componente escola, mas tinha toda uma componente de família, de pais, que também responsabilizavam os filhos.-----Dói-me, sinceramente, que a nossa educação esteja num ponto baixo e quem sofre é a juventude que, por

arrasto, também é levada em tudo isto, e mesmo aqueles que se esforçam em estudar, depois têm uma outra componente, terrível que é não encontrar o lugar para trabalhar e poder viver com a dignidade própria porque quem trabalha, dignifica-se porque trabalha.-----O trabalho dignifica o ser humano e quem disser o contrário, não está a dizer a verdade.-----É esta a dor que nós temos e não é uma dor sentida agora porque estamos numa crise, é uma dor já sentida há muito tempo.-----Quando outrora alguém quis dizer de que havia uma certa “juventude rasca”, que palavra mal dita, quando eles se esforçaram e se esforçam tanto para ser gente grande na vida, mas que as condições e a abertura do mundo, para esse feito, não é tanta quanto isso.-----Cito mais uma vez a Ponte do Rol, como o exemplo duma Junta de Freguesia, onde as coisas acontecem, aparecem, onde a luta pelo bem estar dos seus concidadãos é constante.-----Cito o ASAS, que nasceu aqui neste salão, numa noite fria de Dezembro, onde reunimos pela primeira vez e que hoje tem grande projecção social. Também a Banda de Música cujos elementos mais jovens que já hoje assistimos a tocar, o Grupo Desportivo Ponterrolense. Veja-se como a juventude também é capaz de fazer outras coisas.-----E também aquilo que já foi falado, a que eu também me associo, nas cerca de 60 associações aqui presentes. Dir-se-á que também é fruto do 25 de Abril.-----Também. Mas já havia associações, é bom não esquecer, só que o 25 de Abril fê-las congregar doutra maneira, reforçar as suas ambições.-----E não queiramos pôr em questão que o 25 de Abril é culpado de algumas coisas.-----O 25 de Abril mesmo para quem não goste, tem esta coisa extraordinária. É o 25 de Abril que lhes permite dizer mal, daquilo que a grande maioria do povo diz bem Ninguém os leva presos, e ninguém os persegue por isso, o que é outro grande fruto do 25 de Abril.-----Nunca me esqueço das palavras de um querido amigo, Dr. Teófilo Carvalho Santos de Alenquer, que passou por Torres Vedras, foi Presidente da Assembleia da República e que disse uma vez no Sobral, nos primórdios pós revolução, entre outras coisas o 25 de Abril deu-me uma coisa extraordinária, “poder dizer não”, quando a minha consciência livremente me diz para dizer não”.-----

-----Palavra “não” que é tão pequenina, mas dizer-se que não nem sempre era fácil e muitas vezes quase que era proibido e essa liberdade de dizer não, para ir ao encontro daquilo que a consciência lhe ditava, era muito importante.-----Permitam-me que fuja às coisas materiais e já que falei na educação e na necessidade dos partidos se entenderem, também digo que os partidos políticos, passados 36 anos deviam pensar a fundo, na sua estrutura, e,

porque sabemos que a democracia não pode viver sem partidos, talvez seja altura de remoçarem-se, não em termos de pessoas, não em termos de filosofia, mas em termos de conteúdo de actuação.-----Estamos a assistir a uma certa promiscuidade, de que muitas vezes os todos partidos se estão a servir para pôr fulano ou beltrano, para lhes dar bons tacho, boas ocupações. É preciso pensar nisto, é preciso ter-se vergonha, é preciso respeitar a república, é preciso respeitar-se o 25 de Abril neste aspecto. Os escândalos que têm aparecido ultimamente, os outros que já vêm detrás e que cada mais se sucedem são bom exemplo para que os partidos repensem claramente.-----Falar numa justiça que se deixa arrastar, que por vezes se deixa conluiar, com alguma comunicação social, por razões óbvias e nem sempre acontece a justiça que todos nós desejamos. Não à justiça pública, justiça via comunicação social, à justiça na praça pública.-----A justiça faz-se na chamada "Domus Justitiae" isto é a Casa da Justiça, ou seja nos tribunais. A essa é preciso dar mais força, e não apenas fazer-se justiça para quem não tem capacidade de ir mais longe e nós temos alguns grandes exemplos.-----Porque não devemos só falar das coisas tristes, o 25 de Abril foi um dia alegre, e quis trazer alegria, e se falámos de educação, que se vai alargar agora para o 12.º, mas é bom que se acompanhe todas as circunstâncias.-----

Falar da saúde, que também já foi hoje focado. Pena que as pessoas não tenham dinheiro para os seus medicamentos, o que é verdade.-----Tive, porém uma pequena alegria, quando fui à farmácia comprar medicamentos onde me disseram que os genéricos, para as pessoas que têm rendimentos baixos, são gratuitos. Deu-me alguma alegria interior, de que muitos dos medicamentos genéricos que se estão a alargar cada vez mais, são gratuitos para estas pessoas que não têm condições para ganhar o mínimo para enfrentarem estas situações.-----Anteontem assistindo na televisão ao debate para 1.º Ministro inglês, uma senhora da plateia perguntou aos candidatos se achavam bem que ela, com 61 anos tenha 59 libras por semana, ou seja cerca de 15 contos.-----Lembro que é na Inglaterra, por isso o mal não é só em Portugal. É numa Europa comunitária e nos países chamados ricos, nos países do grupo do G20. E todos os candidatos deram uma resposta, gaguejando, de que os males vêm detrás, o que é verdade, mas que nós em Portugal não podemos viver numa "decalage" tão acentuada entre ricos e pobres.-----Haja vergonha dos cidadãos, haja vergonha dos governantes sejam eles quais forem, pois deve estabelecer-se um limite, entre um pobre muito pobre e um rico muito rico, o que não pode ter cabimento numa democracia, num país que fez um

25 de Abril e assim acabar com muitas desigualdades que havia então.-----Não pode de facto, não tem cabimento, coisas desta natureza.-----Mas o 25 de Abril, é de facto um dia de festa, porque deu-nos uma revolução, não só no sentido clássico da palavra, mas uma revolução do povo português, a abertura para ver um mundo democrático.-----

-----E quando ontem assisti na televisão, a uma entrevista do Herman José ao Coronel Saraiva de Carvalho, onde estavam também Maria de Medeiros e o pai, o Maestro Vitorino de Almeida, que perguntou se era de fazer outro 25 de Abril? O coronel disse que não, até porque não conseguiram os ideais do 25 de Abril devido a muitas circunstâncias e achava que não, mas Maria de Medeiros, disse “alto”! “ 25 de Abril sempre.”-----É o que eu também digo para terminar.-----25 de Abril sempre!-----Viva Torres Vedras!-----Viva a Ponte do Rol!-----Viva Portugal!-----

-----Pelas 13.00 horas, o Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada a presente sessão.--

---

---

---